

Relações internacionais

CELSO LAFER

I

São diversificadas a obra e a ação de Luiz Carlos Bresser-Pereira. Têm como características básicas não só a multiplicidade de interesses como a interdisciplinaridade que as anima. Para isso contribuem a sua formação e experiência.

Formou-se em direito, voltou-se a seguir para a economia e fez da Eaesp da Fundação Getulio Vargas, onde lecionou e leciona, o centro irradiador de suas atividades acadêmicas. Dedicou-se ao tema do desenvolvimento e, inspirado pela reflexão de Celso Furtado, sempre levou em conta que a relação entre desenvolvimento e subdesenvolvimento exprime uma dimensão fundamental da dinâmica do funcionamento da ordem mundial.

Estudou e pesquisou a ação de empresários e administradores no Brasil e, por estar inserido numa escola de administração e ter vivência no campo empresarial, enriqueceu a sua visão com a ótica da estratégia. Faço

esta observação porque, como lembra Thiery de Montbrial,¹ os economistas, com raras exceções, como é o caso de Marx ou Schumpeter, em função da sua definição do campo acadêmico e de seus modelos, pouco se preocupam com a relação entre meios e fins para atingir objetivos concretos. Este tipo de preocupação, de natureza prática, no entanto, é inerente à concepção de *business administration*, tal como desenvolvida nos Estados Unidos, adaptada e aclimatada no Brasil pela FGV/Eaesp, sempre atenta, no seu currículo, à especificidade da estratégia das empresas. Por ter presente a ótica estratégica e estar preocupado com o desenvolvimento, Luiz Carlos Bresser-Pereira alargou os seus horizontes para inserir nos seus estudos a análise política: as alianças de classe, o Estado, os pactos políticos, a tecnoburocracia, o nacionalismo.

A agenda dos problemas do Brasil foi levando Luiz Carlos Bresser-Pereira a analisar os temas da inflação e do seu componente inercial, da recessão, da dívida externa, da crise fiscal, do populismo econômico, das reformas econômicas e da reforma do Estado.

Nesse seu percurso, foi operando através do método de aproximações sucessivas. Subjacente a este método está uma visão democrática do mundo que, ao recusar uma concepção absolutista do poder, recusa uma concepção absolutista do saber. Nesse sentido, Luiz Carlos Bresser-Pereira não é nem positivista nem marxista. O “ismo”, como ensina Bobbio, é estático e apela à nossa faculdade de desejar; a ciência está sempre em movimento e é impelida pela nossa vontade de conhecer.²

A vontade de conhecer de Luiz Carlos Bresser-Pereira parte de uma concepção pluralista da verdade, na qual a verdade não é tida como una, mas sim como múltipla. Daí a multiplicidade de perspectivas e a variedade de interesses que caracterizam o seu percurso. Os seus críticos, adeptos da separação rigorosa dos campos do conhecimento, diriam que ele é sincrético e, como tal, faz misturas impuras e não tem a dose apropriada de ceticismo no que tange às verdades que vai descobrindo. Eu, pessoalmente, entendo

¹ Montbrial, 2002:141 e seg.

² Bobbio, 2000:391 e 396.

que são precisamente essa abertura e curiosidade de Luiz Carlos Bresser-Pereira que dele fazem um dublê de *scholar* e homem de ação, que vem enriquecendo, com o empenho de sua curiosidade intelectual, tanto o campo do conhecimento das ciências humanas quanto a agenda do debate público em nosso país. Isto é válido para a área das relações internacionais, à qual se vem dedicando nos últimos tempos, como vou a seguir indicar.

II

Começo reiterando que a relação entre o Brasil e o mundo esteve sempre presente no horizonte das reflexões de Luiz Carlos Bresser-Pereira em função da já mencionada dialética da complementaridade, inerente à dicotomia entre desenvolvimento e subdesenvolvimento. É por isso que, por exemplo, no artigo escrito em parceria com Vera Thorstensen,³ chamou a atenção para o fato de que as nossas exportações de maior valor agregado tinham como destino os Estados Unidos e não a Europa, e que este dado deveria ser, sem preconceitos ideológicos, levado em conta nas prioridades das negociações comerciais do Brasil. Também, como ministro da Fazenda, em 1987, enfrentando o problema da dívida externa, que era, na ocasião, o item primeiro da nossa agenda internacional, confrontou-se com as realidades internacionais.

Da sua experiência como ministro da Fazenda no governo Sarney, deu-nos dois excelentes relatos, um depoimento ao IUPERJ, "Contra a corrente no Ministério da Fazenda", e o artigo "A turning point in the debt crisis: Brazil, the US Treasury and the World Bank".⁴

Esses dois relatos são modelares na análise dos desafios que o intelectual como homem de ação enfrenta no trato da realidade. Revelam as dissincronias entre o tempo das idéias e o *timing* da vida política. Com efeito, a estratégia de Luiz Carlos Bresser-Pereira, para equacionar o problema da dívida, era a de securitizar, com um desconto, a dívida e promover uma

³ Bresser-Pereira e Thorstensen, 1992:122-145.

⁴ Bresser-Pereira, 1992 e 1999.

relativa desvinculação entre o FMI e os bancos comerciais no processo negociador. Isso foi considerado pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, um *non-starter*. Entretanto, alguns meses depois, esses dois componentes foram adotados no Plano Brady, que recebeu tal nome por haver sido o sucessor de James Baker, Nicholas Brady, que reuniu as condições para viabilizar esta estratégia.

Esses dois textos são uma contribuição de primeira ordem para o estudo do processo decisório no sistema político brasileiro, área em que a nossa bibliografia é particularmente modesta. Têm a característica de privilegiar a trama, dando, como é natural, o destaque para a atuação individual do ator, que associa, no seu depoimento, tanto os incidentes particulares que viveu quanto as causas gerais dentro das quais os acontecimentos estavam inseridos.

Outra é a natureza de dois textos recentes, “Depois da diplomacia de equilíbrio de poderes, a política de globalização” e “O gigante fora do tempo”.⁵ Nestes, o foco de Luiz Carlos Bresser-Pereira está voltado para as tendências mais amplas, para as causas gerais, para aquilo que se poderia qualificar das “forças profundas” que estão modelando a dinâmica da ordem mundial do século XXI.

O ponto central da avaliação de Luiz Carlos Bresser-Pereira é o de que o mundo da globalização do século XXI não é mais o do equilíbrio das grandes potências e das guerras de fronteiras e de conquista de mercados. Esse mundo chegou ao seu fim com a queda do muro de Berlim e a desagregação da União Soviética. Hoje, o desafio do sistema internacional, que é político e econômico, é o de lidar com os riscos e oportunidades do comércio e das finanças e o de enfrentar temas como o da imigração e do multiculturalismo, que, com a globalização, resultam da afirmação da democracia e da estruturação de uma opinião pública mundial.

No século XXI, o capitalismo passou a ser dominante no mundo em que todos os mercados foram, em maior ou menor medida, abertos. Trata-se

⁵ Bresser-Pereira, 2003a e 2003b.

de um capitalismo dos técnicos mais do que dos capitalistas, no qual o conhecimento técnico e organizacional se transformou no novo fator estratégico de produção, mas no âmbito do qual prevalecem, inequivocamente, as leis da acumulação. Mercados fortes requerem um novo Estado, que não pode ser um Estado débil. Este permanece um ator estratégico no jogo da interdependência. Daí, aliás, a importância da ação de Luiz Carlos Bresser-Pereira como ministro da Reforma Administrativa no governo Fernando Henrique Cardoso. Assim como o mercado nacional, para poder operar, necessitava de normas, oriundas das negociações e argumentações da vida política, assim também o atual sistema global da competição generalizada requer uma regulação: dos mercados, das regras do jogo do desenvolvimento tecnológico e científico, das relações entre os Estados.

Luiz Carlos Bresser-Pereira entende que a dinâmica e a lógica das forças profundas que descreve levarão à construção de uma nova ordem mundial de vocação multilateral. Aponta, igualmente, que a recente guerra do Iraque é um equívoco do ponto de vista do próprio interesse nacional dos Estados Unidos, pois, em função da complexidade do mundo, "o gigante" está fora do tempo histórico e não construirá a sua hegemonia com o unilateralismo de sua ação.

A leitura que faz Luiz Carlos Bresser-Pereira da realidade internacional vincula-o à tradição que pode ser qualificada de grociana.⁶ Esta tradição remonta a Grotius, um dos fundadores do direito internacional público moderno, e se contrapõe à tradição realista inspirada por Maquiavel e Hobbes. Reconhece a existência de conflito e cooperação na dinâmica das relações internacionais, mas detecta um significativo potencial de sociabilidade que permite encaminhar a agenda da ordem mundial através dos instrumentos do direito e da negociação diplomática. Para o adensamento desta tradição grociana, Luiz Carlos Bresser-Pereira está contribuindo com os seus textos recentes, nos quais estão presentes, de forma relevante, as perspectivas do saber acumulado do método de aproximações sucessivas do seu percurso.

⁶ Cf. Bull, Kingsbury e Roberts, 1992.

Referências bibliográficas

- BOBBIO, Norberto. *Teoria geral de política*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Contra a corrente no Ministério da Fazenda. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 7, n. 19, p. 5-30, jul. 1992.
- _____. A turning point in the debt crisis: Brazil, the US Treasury and the World Bank. *Revista de Economia Política*, v. 19, n. 2, p. 103-130, abr. 1999.
- _____. Depois da diplomacia de equilíbrio de poderes, a política de globalização. *Novos Estudos Cebrap*, n. 65, p. 91-110, mar. 2003a. Originalmente publicado in: HERSHBERG, Eric; MOORE, Kevin W. (Eds.). *Critical views of September 11 – analyses from around the world*. New York: The New Press, 2002. p. 109-130.
- _____. O gigante fora do tempo: a guerra do Iraque e o sistema global. *Política Externa*, v. 12, n. 1, p. 43-62, jun./ago. 2003b.
- _____; THORSTENSEN, Vera. Do Mercosul à integração americana. *Política Externa*, v. 1, n. 3, dez. 1992.
- BULL, Hedley; KINGSBURY, Benedict; ROBERTS, Adam (Eds.). *Hugo Grotius and international relations*. Oxford: Clarendon Press, 1992.
- MONTBRIAL, Thierry de. *L'action et le système du monde*. Paris: PUF, 2002.